

PROFESSOR ISMAEL DE LIMA COUTINHO

Com a morte inesperada e brutal do professor Ismael de Lima Coutinho no dia 24 de julho de 65 num desastre de automóvel, perde a Filologia um de seus cultores mais sérios no Brasil. Estudioso infatigável, aos sessenta e cinco anos de idade aplicava-se com ardor a longas horas de leitura de assuntos lingüísticos, que se estendiam por vasto campo, desde os mais recentes estudos de Lingüística Geral até as sutilezas de um texto de Terêncio, autor a cuja leitura (ou releitura) se devotara afincadamente nêstes dois anos.

Ismael Coutinho era fluminense, tendo nascido em Paraoquena, distrito de Santo Antônio de Pádua, aos 12 de maio de 1900. Lá mesmo iniciou os primeiros passos no magistério, como professor de ensino primário. No ensino médio, lecionou em vários colégios da capital da República, de Niterói e do interior do Estado do Rio. Ingressou no magistério oficial em 1928, ano em que prestou concurso para catodrático de Português do Liceu de Humanidades de Campos, Estado do Rio. No antigo Distrito Federal fêz concurso em 1937 para as Escolas Secundárias. Nêstes dois cargos aposentou-se há pouco tempo.

No ensino superior era regente da cadeira de Língua e Literatura Latina da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, antiga Faculdade Fluminense de Filosofia, que em 1947 fundara em Niterói com um grupo de intelectuais.

A obra de Ismael Coutinho, contrastando flagrantemente com a sua intensa atividade cultural, é pequena. Não cabe discutir as razões dessa breve produção filológica. Certamente não são para esquecer os anos de serviço burocrático em que pagou ao seu estado o tributo de bom fluminense, com sacrifício de seus estudos em prol do bem comum. Nem é Ismael Coutinho, na história dos estudos filológicos no Brasil, um exemplo isolado dêstes mestres que ensinaram muito, mas pouco escreveram. Ocorrem-me de pronto, no magistério carioca, os nomes ilustres de Fausto Barreto, Silva Ramos e Quintino do Vale. Ismael Coutinho está exatamente nêsse grupo de mestres cuja "grande atuação se exerceu no magistério", como escreveu Nascentes a propósito de Fausto Barreto (*Estudos Filológicos, Civilização Brasileira*, Rio, 1939, p. 43).

Em 1927 publicou seu primeiro livro,

Método de Análise Lógica (Tipografia Aurora, Rio, 1927 — na capa está 1928). Trata-se de um opúsculo de 112 páginas em que, "para facilitar aos candidatos o exame de português", reuniu "lições dadas em classe, sem nenhuma preocupação de publicidade". Embora o autor, no prefácio, só reconheça no livrinho o mérito da compilação, não é injusto salientar o louvável intuito pedagógico e a familiaridade com a boa doutrina gramatical de então.

Em dezembro de 1928, para concorrer à cátedra de Português do Liceu de Humanidades de Campos, escreveu duas teses, conforme o regulamento do concurso. A primeira, sorteada, *As criações internas do idioma*, é um estudo de 15 páginas mimeografadas sobre a formação de palavras. A outra, de livre escolha, *A crase*, é uma exposição de 19 páginas, também mimeografadas, sobre o conhecido assunto. A premência do tempo e da situação adversa em que redigiu essas teses não permitiram que o autor fizesse o que podia, lamentavelmente.

A obra que lhe vai dar o merecido nome são os *pontos de Gramática Histórica*, lições primeiro publicadas em fascículos e só depois (1938) enfiadas num só volume. Motivos de ordem pessoal aliados à elaboração da obra, a princípio "Simples notas manuscritas, rabiscadas ao sabor do programa oficial, sem ordem nem ligação", explicavam o título, demasiado modesto, que o autor insistiu em manter, mesmo quando a partir da 3.^a edição a Livraria Acadêmica lhe deu na capa o título de *Gramática Histórica*. O livro mereceu desde cedo acolhida muito favorável dos especialistas e grande aceitação nos meios universitários do país. Comprovam-no as sucessivas edições, das quais a 5.^a (1962) se esgotou há mais de um ano. Em mais de 400 páginas o autor apresenta com segurança doutrinária e numa convidativa linguagem didática uma visão geral da história externa e interna da lin-

gua portuguesa, precedida de uma introdução que se destina a aparelhar o leitor de noções linguísticas indispensáveis ao entendimento pleno de alguns capítulos.

E, sem dúvida, o melhor compêndio sobre o assunto escrito no Brasil. Reconhecem no eminentes especialistas. Um deles, J. Mattoso Câmara Jr., com a responsabilidade de lingüista já internacionalmente consagrado, foi mais longe na notícia da 4.^a edição que publicou na revista "A Cigarra". Para ele, o livro "situa-se em alto nível; e, em cotejo com as obras clássicas de Cornu, Huber, Nunes e Ed. Williams, se tem menor aprofundamento da matéria em certos pontos, compensa-o por uma visão mais ampla e uma base mais explícita de lingüística geral. Acresce a exposição clara, metódica e atraente, muito superior à apresentação compacta de Cornu, ao estilo difuso e descosido de Nunes e à segura de formulação de Huber e Williams".

Quem confronte as várias edições há de notar que a feição da obra não se alterou muito. Embora sempre atualizado com os estudos filológicos, Ismael Coutinho relutava um pouco em refundir a redação primitiva do livro. Ou fôssem motivos afetivos; ou fôssem ponderações de ordem didática; ou porque interferisse sua mentalidade historicista, fortemente nutrida do método histórico-comparativo, ou ainda por convicções já sedimentadas — verdade é que preferia enriquecer de notas alguns capítulos, como fez significativamente com o apêndice "Conceito moderno de Fonologia, Fonética e Fonêmica" (5.^a edição, p. 110-115), na edição anterior extensa nota as páginas 91 e 92.

Por outro lado, um compêndio tão rico, de tão vasto material não é de estranhar que suscitasse discussões. Assim é que por mais de uma vez teve o professor Ismael Coutinho de defender opiniões nele exaradas. Em 1955 publicou na "Revista Brasileira de Filologia" (Vol. I — Tomo 1) um longo ar-

tigo intitulado *A propósito de minha Gramática Histórica*, em que respondia às críticas do professor Silveira Bueno publicadas no "Jornal de Filologia" de São Paulo (N.º 5 — 1954). E no mesmo ano, na "Revista Filológica", do Rio de Janeiro, (N.º 4, junho de 1955 e N.º 5 — 1.º semestre de 1956) contestou os reparos do professor Mansur Guérios publicados na revista "Letras" da Universidade do Paraná (N.º 2 — agosto de 1954).

Os demais trabalhos do professor Ismael Coutinho andam esparsos. São artigos, conferências, prefácios, discursos e pareceres quase todos inéditos.

Sobre etimologia portuguesa publicou na "Miscelânea de Estudos em Honra de Antenor Nascentes" (Rio, 1941, p. 61) o artigo *Uma achega etimológica*, a propósito de "Acabrunhar", para o qual propôs o ótimo *accaproniare*, co-radical de *capro - onis* (cf. port. *cabrão*, esp. *cabrón*, it. *caprone*). Para a miscelânea que o jovem e operoso prof. Leodegário A. de Azevedo Filho, da Universidade da Guanabara, está organizando em homenagem ao inesquecível Serafim da Silva Neto, deixou um estudo sobre *estremunhar, estremunhado*, tendo proposto para o infinitivo o étimo *stramoniare*, de *stramonium*, "estramônio" — "veneno enérgico cujos efeitos se denunciam por uma sonolência letárgica que se combate especialmente com vinagre e outros ácidos".

Preocupado sempre com o ensino da língua, publicou umas *Sugestões Metodológicas para a Execução do Ensino de Português*, na "Revista Secundária" que a C.A.D. E.S. vinha editando (N.º 11 — dezembro de 1954, p. 54). Nesse artigo, depois de fixar os objetivos específicos e gerais do ensino do vernáculo, aprecia os cinco aspectos metodológicos fundamentais: leitura, redação, ensino gramatical, ensino da literatura e organização de provas.

Prefaciou a *Bíblia Medieval Portuguesa*, I, que mestre Serafim da Silva Neto organizou para o Instituto Nacional do Livro (Rio, 1958).

Com referência a estudos de latim, conhecemos algumas contribuições do prof. Ismael de Lima Coutinho. Em 1954 publicou no "Anuário da Faculdade Fluminense de Filosofia" o artigo *Os Estudos Gramaticais Latinos*, em que historia o assunto desde a instalação daqueles estudos em Roma pelo filósofo estóico Crates de Malos até os trabalhos gramaticais do venerável Beda. Na Sociedade Brasileira de Romanistas, do Rio de Janeiro, fez em 1964 uma conferência sobre *A vida amorosa de Horácio*, em que estudou o grande número das amadas desse incorrigível D. Juan da época de Augusto, depois de traçar um panorama da vida faustosa e luxuriante da Roma Imperial. Na mesma Sociedade fez uma comunicação intitulada *A desinência do acusativo do singular no indo-europeu*, que a revista "Romanitas" publicou (ano II — vol. 2, p. 41). Retomou a discutida questão para concluir com estas palavras: "já não resta a menor dúvida de que a desinência do acusativo, no indo-europeu, era *-m*. O *-n*, que aparece no grego e nas outras línguas, é o resultado de uma modificação fonética, que provavelmente remonta à época em que se mantinha ainda unida a grande comunidade indo-europeia". Lemos agora, embora datado de 21 de junho de 1964, o estudo *O "z" no antigo latim*, que parece uma contribuição para a miscelânea com que se pretendeu prestar homenagem póstuma ao prof. Ernesto Faria. Defende a existência do *z* no latim arcaico invocando, contra o silêncio da maioria dos gramáticos latinos, o testemunho de Vélío Longo e Marciano Capela; umas poucas inscrições; o etrusco, o osco-umbro e o falisco, e o depoimento de modernos estudos de fonética, ortografia e epigrafia latina.

Também inéditos são dois outros estudos. Um intitulado *Parricida*, em que discute sete hipóteses sobre a origem do elemento *pari* ou *parrí*, já que o elemento final — *cida* não oferece dificuldade. Outro, a que chamou *História de uma palavra*, em que trata do vocábulo *persona*, focalizando o problema no latim e nas línguas românicas (exceto o romeno, que não o conhece).

Além disso, rascunhou notas sobre a etimologia de *escorregar*, *estro* e *ascalfar*, sem ter dado, porém, a redação final.

Com referência a outras atividades culturais é de justiça lembrar que o prof. Ismael Coutinho não foi indiferente ao movimento cultural do país em sua especialidade. Participou de vários congressos e simpósios de assuntos lingüísticos, na Guanabara e em outros Estados. Nem se pode deixar sem uma referência sua participação em várias bancas examinadoras, sobretudo em concursos para o magistério superior, função em que se mostrou sempre o examinador sóbrio e metucioso, cujo rigor na arguição de nenhum modo excluía o cavalheirismo, a serenidade e o respeito ao candidato.

Finalmente, cabe uma referência especial à atividade docente do prof. Ismael de Lima Coutinho no magistério superior. De acôrdo com os programas que organizara, escreveu para os alunos uns pontos de fonética histórica do latim (sempre os pontos! . . .) que vinha reelaborando para uma futura publicação. Chegou a estudar, embora em redação não definitiva: o latim na família indo-européia, a classificação dos fonemas latinos, o alfabeto, a pronúncia do latim, o acento, e de um modo geral o vocalismo histórico. Sobre o consonantismo, reuniu bom material, mas não logrou sistematizá-lo. Para outras turmas redigiu um estudo de morfologia histórica sobre as cinco declinações. Já rascunhava alguns assuntos

de sintaxe dos casos e emprêgo dos tempos verbais.

Ultimamente vinha trabalhando com enorme entusiasmo na tese com que pretendia prestar concurso para a cátedra de Língua e Literatura Latina, que regia desde 1947 — uma edição crítica da comédia *Andria* de Terêncio. As circunstâncias bem mais favoráveis em que estava agora desenvolvendo suas pesquisas levam a crer que esta obra honraria os estudos clássicos de nível superior. Deixou pronto um farto material: a tradução da peça; cerca de mil fichas de notas sobre fatos gramaticais e estilísticos do texto; um índice de comentários de especialistas estrangeiros principalmente sobre a métrica de Terêncio; uma prévia seleção bibliográfica; e o levantamento do vocabulário com o índice de frequência.

Lamentavelmente, o número de aulas e as inúmeras tarefas com que se sobrecarrega a atividade docente, e a precariedade do nosso meio universitário, muita vez até adverso, propiciam êsse triste espetáculo de obras fragmentárias e estudos constantemente interrompidos! . . .

A Faculdade por que tanto fêz e para a qual aguardava com ansiedade melhores dias dedicará o seu "Anuário", que sairá breve, à memória de seu ilustre professor-fundador, e nêle publicará alguns dos estudos inéditos aqui referidos.

Da admirável criatura humana e do professor exemplar que foi Ismael de Lima Coutinho não cabe falar nesta breve notícia. Dêle, porém, se pode dizer latinamente com absoluta justiça: "Fuit uir maximus peritus docendi".

Rosalvo do Valle

Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro